

A ESCOLA COMO ESPAÇO NARRATIVO DA MEMÓRIA EDUCACIONAL DA COMUNIDADE TRILHA 410, BURITICUPU-MA¹

Rosa Ribeiro Mendes
Graduada em Pedagogia
Secretaria Municipal de Educação de Buriticupu-MA

Nertan Dias Silva Maia
Mestre em Educação
Universidade Federal do Maranhão

Resumo

Este trabalho discorre sobre a memória educacional da Comunidade Trilha 410, localizada no município de Buriticupu-MA. Seus objetivos foram compreender a história educacional da Comunidade, entre os anos de 1982 e 2012, e refletir sobre a importância da Escola Unidade Integrada Rosemira Machado Castro, no âmbito daquele contexto, a partir de relatos de moradores e professores. Tem na Nova História Cultural e a História Oral seus pressupostos teórico-metodológicos e no relato e a memória seus instrumentos de pesquisa. Na Comunidade Trilha 410 a memória é entendida como uma prática cotidiana ligada às noções de identidade e de representação social. A Escola constitui a principal referência cultural da Comunidade e o lugar da narrativa que possibilitou aos moradores repensar e recontar sua história educacional, a partir de valores culturais e sociais numa dimensão humana e coletiva.

Palavras-chave: Memória. História. Relato. Comunidade Trilha-410.

1. Introdução

O presente trabalho discorre sobre a memória educacional da Comunidade Trilha 410, localizada na zona rural do município maranhense de Buriticupu, de modo a tentar reconstruir sua história, entre os anos de 1982 a 2012, respectivamente, ano de sua fundação e ano em que sua principal escola atingiu índices educacionais qualitativos, destacando-se entre as demais escolas do município.

Nessa perspectiva, a problemática central aqui discutida se relaciona ao campo educacional, tendo como foco o processo de legitimação da Escola Unidade Integrada Rosemira Machado Castro como um espaço de referência cultural para a Comunidade Trilha 410. A discussão busca desvelar questões sobre o desenvolvimento educacional da Comunidade e refletir sobre o papel desempenhado por aquela Escola no âmbito deste contexto, a partir de relatos e memórias de professores, funcionários e alunos, que participaram diretamente do desenvolvimento educacional do lugar, desde sua fundação em 1982 até o início da presente década. O principal critério de escolha desses sujeitos foi o protagonismo que tiveram, ou ainda têm, na organização da vida social, cultural e política da Comunidade Trilha 410, principalmente, durante seu processo de colonização.

Com relação aos fundamentos teórico-metodológicos, a investigação se utilizou qualitativamente dos pressupostos da Nova História Cultural (BURKE, 2005), apropriando-se do instrumental da História Oral (THOMPSON, 1992), escolhidos por se mostrarem viáveis em pesquisas históricas de cunho cultural, sobretudo, quando tratadas sob o prisma da micro-história (ALBERTI; FERNANDES; FERREIRA, 2000).

¹ Este trabalho foi desenvolvido a partir de uma pesquisa monográfica concluída em 2016 no curso de Pedagogia do Programa de Formação de Professores para a Educação do Plano de Ações Articuladas (PROFEBPAR/PARFOR), da Universidade Federal do Maranhão (UFMA).

2. Comunidade Trilha 410: o lugar da memória

A Comunidade Trilha 410 é compreendida aqui a partir da noção de “comunidade” cujo sentido aproxima-se do conceito de identidade cultural, enquadrado nas análises pontuais de microsistemas sociais. Refere-se, portanto, ora a algum lugar real que possui contrastes culturais em relação a outro, ora como uma construção hipotética e conceitual para formalizar metodologicamente uma investigação, ora como identidade cultural coletiva. Sendo, portanto, este último sentido o que mais se adequa a nossa compreensão (BURKE, 2002).

Assim, o campo cultural, em que se manifestam as relações sociais concretas desta comunidade, assemelha-se ao que pensa Bourdieu (2010, p. 261-262) sobre a noção de “campo”, entendido como “uma rede de relações objetivas (de dominação ou de subordinação, de complementaridade ou de antagonismo etc.) entre posições”, na qual o “espaço das posições tende a comandar o espaço das tomadas de posições”, e dentro da qual concorrem instituições e indivíduos pelo controle do monopólio em relação à autoridade das representações. Esse movimento leva o campo a adquirir certa autonomia perante os poderes econômicos, políticos e burocráticos que o instituem, a partir de códigos e regras próprios, que são mantidos e partilhados, tácita e subjetivamente, por seus pares, que, por sua vez, reproduzem uma espécie de “crença” em um “poder simbólico” em torno de uma identidade cultural coletiva. Para o autor, tudo isto constitui um *habitus*, ou seja, um sistema de práticas incorporadas pelos sujeitos, no âmbito de um campo cultural.

A Comunidade Trilha 410, sob esta ótica, é concebida com um campo cultural com uma equivalência ao “lugar” da memória, seja ela individual, social, histórica ou cultural. Nessa perspectiva, a concepção de “lugar” que melhor se aproxima dessa compreensão é encontrada nas ideias de Certeau (1994, p. 201), que o define como “[...] a ordem segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência. [...] Uma configuração instantânea de posições [que implica uma] indicação de estabilidade”. Ou seja, o lugar ocupado pela Comunidade Trilha 410 constitui um campo dentro do qual o indivíduo desenvolve para com ele uma relação de identidade, afetividade, bem-estar e conflito.

Nesse campo cultural, desponta a Escola Unidade Integrada Rosemira Machado Castro, representando seu “espaço institucional” de legitimação de saberes, em torno do qual se desenvolvem as relações sociais de estabilização e desestabilização e dentro do qual os sujeitos praticam suas ações e processam a construção de sua história educacional. Assim, a referida escola é o “espaço institucional”, é “um lugar praticado” para onde convergem todas as atenções da Comunidade Trilha 410 e de onde partem todas as discussões pertinentes às questões e aos conflitos sociais e culturais do lugar (CERTEAU, 1994).

De acordo com Certeau (1994), espaço e relato mantêm uma relação de dependência recíproca, pois, segundo ele, um relato de uma viagem, por exemplo, é uma prática do espaço. Assim, fazer um relato ou uma narração despreocupada, fazer um relatório de algum fato, estudar detidamente um processo para apresentar as conclusões a seus pares, consistem, no âmbito das táticas cotidianas, em registros históricos de experiências de vida rememoradas pelas demandas de um tempo presente. Nessa perspectiva, o relato provém de uma memória, por vezes fragmentada, por vezes distorcida e por vezes ainda livre de “esquecimentos”. Para Certeau (1994), “memória” é uma faculdade de conservar e experimentar de novo estados passados de consciência, uma capacidade humana de armazenar dados para uso posterior.

Nessa compreensão, a história não pode ser tomada por um único ponto de vista ou como uma única “verdade”, uma vez que é construída sobre fatos e relatos que sofrem, invariavelmente, influências da parte daqueles que a constroem, seja como historiadores seja como sujeitos narradores. Nestes termos, para Certeau (1994), “história” configura-se um ramo do conhecimento que estuda os fatos passados de um povo, a partir de uma perspectiva

específica de futuro. São, portanto, narrativas sistemáticas do passado em relação particular com o novo.

Portanto, a memória dos sujeitos da Comunidade Trilha 410 é capaz de possibilitar uma reconstrução de sua história nessa relação particular com o presente, dando, assim, sentido ao lugar praticado. É por meio das relações de pertencimento de seus sujeitos, de suas práticas sociais, suas representações e suas experiências cotidianas com o lugar que se concebe a possibilidade de compreendê-lo historicamente (LE GOFF, 1998). As memórias permeiam os espaços das narrativas e das relações sociais e se apresentam, em certo grau de proximidade, com as identidades subjetivas e afetivas dos sujeitos, bem como com os aspectos objetivos de estranhamento e rejeição à realidade (ALMEIDA, 2009).

É, pois, no âmbito do espaço institucional da Escola Unidade Integrada Rosemira Machado Castro, com suas práticas e representações, que se manifestam as memórias mais significativas acerca da história educacional da Comunidade Trilha 410, sendo aquela Escola, por excelência, o espaço da narrativa. De um modo geral, as comunidades rurais brasileiras – sobretudo as das regiões Norte e Nordeste – são desprovidas de serviços públicos e de instituições voltadas para o atendimento de suas necessidades básicas. Deste modo, as instituições comunitárias, sociais, sindicais, educacionais ou religiosas, que, por ventura, ali se instalem, passam a representar espaços privilegiados de reivindicações e de produção de saberes, práticas e construção histórica. Estas instituições despontam também como espaços de possibilidades, “porta-vozes” de necessidades comunitárias, os quais canalizam todos os problemas sociais imediatos da população local. Assim é a representação da Escola Unidade Integrada Rosemira Machado Castro para a Comunidade Trilha 410, um lugar onde se praticam os processos formais de aprendizagem e para onde convergem, constantemente, assuntos relacionados às questões políticas e sociais.

3. Escola Unidade Integrada Rosemira Machado Castro: o espaço da narrativa

A Escola Unidade Integrada Rosemira Machado Castro foi inaugurada em março de 1982, pelo então governador do estado, João Castelo; porém, só foi devidamente regularizada no Conselho Estadual de Educação em 2005, por meio da Lei Municipal nº 0101 (BURITICUPU, 2005). Segundo relatos de antigos moradores, no discurso de inauguração da escola, o referido governador os parabenizou pela conquista de ter uma escola na recém-criada comunidade, referindo-se ao capital cultural que aquela representava para aquele contexto.

Em seus primeiros anos de funcionamento, a escola oferecia o ensino primário (da 1ª a 4ª série), em caráter multisseriado, nos turnos matutino e vespertino e atendia a cerca de cinquenta alunos. Em sua planta original, a escola era somente um saguão, dentro do qual se dividiam as turmas, de modo que um grupo de alunos se posicionava de frente para quadro e outro grupo ficava de costas para aquele, dentro do mesmo espaço físico. A principal atividade educativa da escola naquele período era a alfabetização de jovens e adultos.

A professora Maria José da Silva Inácio, que assumiu a classe multisseriada, era leiga, filha de colonos e prestava esse serviço educacional à comunidade por escolha dos próprios moradores. Apesar de toda a precariedade, os relatos atestam que ela desempenhava seu trabalho de alfabetizadora com muita dedicação e apreço. A mesma relatou que, à época, seu salário era de 2,50 cruzeiros, muito abaixo do que era praticado no mercado, mas, mesmo assim, ela se submetia às condições daquele campo. Ela trabalhou aproximadamente por um ano e deixou de exercer o magistério logo que se casou. Eram tempos em que a comunidade estava vivendo seus primeiros momentos de organização e de estruturação social. A escola tinha sua importância, mas alguns relatos afirmam que, devido à falta de água potável, muitos

alunos deixavam de estudar para ajudar os pais na busca de água para consumo ou para acompanhá-los no trabalho do campo.

Em 1983, chegava para assumir a administração da escola, de forma definitiva, a professora Genézia Pereira Oliveira. Semelhante à anterior, esta também era leiga, porém tinha certa experiência docente em escolas da zona rural. Seu esposo era agricultor e eles não tinham filhos, condição que lhe permitiu dispor de mais tempo para organizar as atividades rotineiras da escola e também as extraescolares. Conforme o relato de um ex-aluno, a professora Genézia deixou um legado de “coragem” e “esperança” para os professores que a sucederam e para a própria comunidade, pois “ela acreditava na educação como veículo de transformação social”. Apesar de leiga, a professora Genézia era uma das mais instruídas da Comunidade Trilha 410, fato que a levou a se tornar uma representante da comunidade junto à Comarca de Buriticupu, desempenhando funções extradocência, como solicitação de carros-pipa, distribuição de mantimentos aos colonos e aquisição de materiais para a escola.

Os moradores mais velhos relataram que, em 1983, foi o ano da “grande seca”, “era fome pra todo lado”, “ninguém tinha água e ainda precisava buscar na escola, que ficava a 15 km do Povoado”. Segundo seus relatos, a situação só começou a melhorar de 1984 em diante, quando “o inverno foi melhor, a lavoura superou aí a história foi outra”. Àquela altura, a Escola Unidade Integrada Rosemira Machado Castro já era o espaço onde os moradores se reuniam para debater os problemas da comunidade e propor soluções para a escassez de trabalho, comida e água, desempenhando uma função social além de sua real finalidade. No final da década de 1980, a escola foi ampliada para oferecer o primeiro grau completo (da 1ª a 8ª série), aumentando, assim, o número de funcionários e alunos.

Com a emancipação política de Buriticupu, em 1994, e com a posse de seu primeiro prefeito, eleito pelo voto popular, em 1997, o referido município passou a contar com os recursos financeiros oficiais para a educação e, assim, iniciou-se o processo de municipalização da Escola Unidade Integrada Rosemira Machado Castro. Em 1999, a escola passou por sua segunda reforma estrutural e ficou sob a administração do professor Edivan Viana Pereira. Naquela época, o corpo docente era constituído por professores do município de Santa Luzia, uma vez que não havia professores formados na região de Buriticupu.

No ano de 2005, era empossado o segundo prefeito de Buriticupu. De acordo com relatos de alguns professores, sua gestão trouxe benefícios para a referida escola, pois houve contratação de mais funcionários, professores, um gestor e secretário escolar. Foi um período de ganhos para aquela geração de alunos da Comunidade Trilha 410, alguns dos quais são hoje professores da Escola Unidade Integrada Rosemira Machado Castro.

Muitos professores enfatizaram em seus relatos que uma das dificuldades que ainda hoje a escola enfrenta é quanto aos conflitos político-partidários, que, muitas vezes, atrapalham as relações interpessoais e o desenvolvimento de uma gestão escolar democrática, em virtude de visões políticas divergentes. Para tentar superar tal dificuldade, o professor Francisco da Silva Sampaio – um dos primeiros diretores da Escola – afirmou que, durante o período em que esteve à frente da gestão, além de propor um trabalho pedagógico coletivo, também desenvolveu projetos profissionalizantes direcionados à comunidade em geral, ofertando cursos de doceiro, corte e costura e eletricista, fortalecendo, assim, as relações entre os professores, a escola e a comunidade. Relatando seus sentimentos em relação à Comunidade Trilha 410, o professor Francisco da Silva Sampaio se emocionou, ao relembrar suas ações em prol da mesma, afirmando: “Se tivesse a oportunidade de voltar faria tudo novamente, aprendi muito a viver e conviver com pessoas humildes que vivem uma realidade camponesa”.

Relatos como esse possibilitam perceber os sentimentos de identidade e pertencimento que professores e moradores, de um modo geral, têm para com a comunidade, sentimentos

que permanecem em seus dizeres, gestos e fazeres. Tais relatos constituíram o principal caminho para compreender a história educacional da Comunidade Trilha 410, assim como também para perceber que houve uma transformação social qualitativa, ao longo das últimas três décadas, na comunidade, proporcionada, principalmente, pelas ações dos professores, que tiveram como palco a Escola Unidade Rosemira Machado Castro.

É nesse sentido que Le Goff (1997, 1998) defende a ideia de que relatos e memórias são elementos de fundamental importância para a construção da história e para a constituição das noções de patrimônio cultural, cidadania e identidade. Mesmo diante da escassez de registros documentais escritos, ainda é possível realizar uma investigação, no campo historiográfico, por meio da oralidade. Seguindo esse princípio, buscou-se construir uma memória educacional para a Comunidade Trilha-410, relacionando fatos, relatos e memórias, numa mútua influência, a partir da qual as relações sociais, os espaços institucionais e os conflitos do campo cultural se complementaram na trama histórica.

Em 2012, a Escola Unidade Rosemira Machado Castro reforçou seu papel de referência cultural e educacional para a Comunidade Trilha 410, ao alcançar índices educacionais qualitativos, no âmbito municipal, e ao desenvolver projetos pedagógicos para valorizar a história da comunidade. Foram esses projetos que motivaram a realização da pesquisa monográfica, da qual se extraiu o presente artigo.

4. Conclusão

No contexto da Comunidade Trilha 410, a memória de seus moradores remete às questões da identidade cultural e das representações sociais, as quais se reforçam mutuamente no movimento eterno da reconstrução da história. Foi por meio da memória e da identidade desses moradores que foi possível repensar e recontar suas histórias de vida, contribuindo com a preservação da história cultural do lugar.

Considerando que todo trabalho de pesquisa no campo da história é perpassado por escolhas, que desvelam visões parciais de uma realidade, admite-se o entendimento de que os fatos não são eventos isolados e nem independentes. Pelo contrário, conjugam uma “trama” histórica, composta por múltiplas relações, que forjam as trajetórias dos sujeitos. Nesse sentido, concorda-se com Veyne (1982, p. 30), quando afirma que “nenhum historiador descreve a totalidade deste campo, pois um caminho deve ser escolhido e não pode passar por toda parte, nenhum destes caminhos é verdadeiro ou é a história”.

Ao valorizar os sujeitos, suas memórias e narrativas, a investigação abriu espaço para reflexões, no âmbito da Comunidade Trilha 410, sobre sua importância histórica, no contexto regional. E, no âmbito das subjetividades, foi possível provocar em seus moradores um exercício de autoconhecimento, capaz de reforçar suas representações e suas identidades culturais, assim como seus sentimentos de pertencimento à comunidade.

Enquanto alguns relatos descreveram tramas históricas de um modo factual, outros, repletos de emoções, abstiveram-se dos fatos já conhecidos para extrair de suas memórias histórias, marcadas por afetos, sofrimentos e alegrias, contadas a partir de suas próprias experiências de vida e percepções de realidade. Para além da história factual, focada na narrativa dos grandes feitos heroicos, a investigação se centrou no homem como um sujeito das representações, responsável pelo movimento de uma história real, percebida e transformada por ele, no contexto social. E, quanto à Escola Unidade Rosemira Machado Castro, esta continua a ser o palco das representações sociais e espaço praticado das velhas e novas narrativas sobre a memória educacional da Comunidade Trilha 410.

Referências

ALBERTI, Verena; FERNANDES, Tânia Maria; FERREIRA, Maneta de Moraes (Orgs.).

História oral: desafios para o século XXI. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/ Casa de Oswaldo Cruz/CPDOC. Fundação Getúlio Vargas, 2000.

ALMEIDA, Maria Zeneide C. M. de. **Educação e memória: velhos mestres de Minas Gerais (1924-1944).** Tese de Doutorado. Brasília, UNB, 2009. Disponível em: <repositorio.unb.br/.../2009_MariaZeneideCarneiroMagalhaesdeAlmeida.pdf>. Acesso em: 01 dez. 2014.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico.** 14. ed. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

BURITICUPU. **Lei Municipal nº 0101, de 13 de maio de 2005,** dispõe sobre a criação de escolas municipais e sua regularização junto ao Conselho Estadual de Educação. 2005. Disponível em: <<http://cmburiticupu.ma.gov.br/Leis/Leis%202005/101.pdf>>. Acesso em: 20 mai. 2016.

BURKE, Peter. **História e teoria social.** Tradução de Klauss Brandini Gerhardt, Roneide Venâncio Majer. São Paulo: Unesp, 2002.

BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Tradução de Sérgio Góes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

LE GOFF, J. Patrimônio histórico, cidadania e identidade: o direito à memória. In: BITTENCOURT, C. (Org.). **O saber histórico na sala de aula.** São Paulo: Contexto, 1997, p.137-140.

LE GOFF, Jacques. **História e memória.** São Paulo: Unicamp, 1998.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral.** Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a história: Foucault revoluciona a história.** Brasília: Ed. UNB, 1982.